

## FILOSOFIA DA RELIGIÃO EM OS DEMÔNIOS DE DOSTOIÉVSKI.

SAKAMOTO, *Jacqueline* (NEMES/PUCSP).

É de Dostoiévski a famosa colocação: A Beleza salvará o mundo. E a força de sua penetrante investigação que busca atingir as bases de todas as coisas encontra-se justamente na consideração do homem e da Beleza como mistério.

Como portador de uma mensagem do Espírito, Dostoiévski considera este mistério como constitutivo da experiência humana, e restitui ao homem a profundidade espiritual que lhe fora arrebatada. Em sua obra tudo é dinâmico e se move ao redor das malditas questões eternas. Seu pensamento comporta e mantém todas as contradições e antinomias da alma humana. No decurso da época moderna o solo sob os pés dos homens desenraizados não se encontra firme e inabalável, e é nesta superfície que se tenta fixar um universo encerrado no puramente humano. Quando o próprio mundo transcendente achava-se recuado ao incognoscível, e o homem perdido na solidão ilimitada, abrem-se abismos, e é desta profundidade que o homem se move<sup>1</sup>: Ando sem saber para onde vou, para a luz radiosa ou para a vergonha infecta. E nisto está a desgraça, porque tudo é enigma neste mundo.<sup>2</sup>

Para Dostoiévski, a beleza que encanta e fascina leva à destruição: ele notou que os niilistas adoram a beleza e os ateístas, mais que outros, sentem uma necessidade irresistível por ídolos, assim criam um, e começam a adorá-lo. Suas reflexões o levam a considerar que inegavelmente a unidade inicial entre Verdade, Bem, e Beleza haviam caído e que os princípios que governam conhecimento, ética e estética somente são integrados nos princípios religiosos. Quando cada área da atividade humana se torna autônoma manifestam assim sua ambigüidade. Antes mesmo de compreender e viver a beleza e o amor os seres humanos já a haviam profanado.

A amoralidade fundamental da pessoa humana, seu caos interior, é naturalmente balizada pelas forças irresistíveis do impulso estético da alma. Sozinho, o princípio moral nunca poderá se opor e resistir às paixões [...]. O dinamismo das paixões despertadas carrega tudo em nome da completa liberação de todos os princípios normativos, e é precisamente o elemento estético da vida que oferece a liberdade maior. Seu poder encantador nos livra de toda limitação. O Eros criativo é assim colocado contra o Eros destrutivo.<sup>3</sup>

Se por um lado o coração humano encontra beleza até no ideal de Sodoma<sup>4</sup> que é compartilhado pela imensa maioria das pessoas, por outro, o senso de incomensurabilidade e infinito são necessários aos homens. Trata-se de um duelo entre o demônio e Deus, onde “o coração do homem é o campo de batalha”<sup>5</sup>. A busca da Beleza coincide com a busca pelo Absoluto, e esta é a verdadeira vocação da

humanidade, onde os princípios éticos e estéticos são condicionados pela verdade religiosa.

Muitas coisas estão ocultas de nós neste mundo; em compensação, temos a sensação misteriosa do liame vivo que nos prende ao mundo celeste e superior, as raízes de nossos sentimentos e de nossas idéias não estão aqui, mas em outra parte [...] quando esse sentimento se enfraquece ou desaparece, o que havia brotado em nós perece. Tornamo-nos indiferentes à vida, sentimos mesmo aversão por ela.<sup>6</sup>

Dostoiévski concebia Deus, homem e mundo através de todas as angústias do desdobramento e das trevas. E compreendeu a fundo a natureza do niilismo russo porque considerou todas as contradições e antinomias do espírito russo. Compreender integralmente Dostoiévski é assimilar uma parte essencial da alma russa. Berdyaev<sup>7</sup>, em sua obra *A Idéia Russa*<sup>8</sup>, afirma que em última instância sempre existirá algo de incompreensível no homem russo, a alma russa é polarizada em altíssimo grau como um conglomerado de contradições. São necessárias virtudes teológicas que nos conduzam a compreensão desse povo que tem forma e estatura própria, onde o não esperado é sempre o que deve ser esperado deles. O termo médio, a moderação, é estranho a eles e os encontramos, certamente, mais voltados aos extremos. Contrariamente aos Ocidentais Europeus que concebem a vida de forma prescrita, formulada, classificada em categorias e em finalidades, os russos são antes o povo da revelação e inspiração. Na definição das características do povo russo Berdyaev salienta a vocação escatológica e messiânica de caráter universalizante, da Rússia para o mundo, onde alma e destino estão intimamente sobrepostos e entrelaçados. Aqui a experiência do niilismo está implícita, a liberdade incriada<sup>9</sup> e o nada estão inscritos na estrutura do ser humano, que para realizar o seu fim deve necessariamente atravessar este nada em direção à liberdade incriada, a capacidade de amar livremente. Berdyaev afirma que o século XIX foi aquele que alcançou maior liberdade interior, num período de intensa atividade espiritual e indagações sociais, e na literatura, período onde o fim é vivido como abismo, proporcionou uma dinâmica sem igual no pensamento russo. Em *O Espírito de Dostoiévski*<sup>10</sup>, o autor identifica ainda, como característica dos escritores e pensadores desta época, que atingidos pelo tamento, procuram a salvação, sofrem pelo mundo e pela libertação do espírito. O caminho que Dostoiévski propõe, do enfrentamento obtido pelo sofrimento de permanência na angústia religiosa, é a *paideia* cristã, o homem volta a tornar-se com ele uma criatura religiosa. Conduzindo o homem através dos abismos não acaba por

aniquilar o indivíduo, mas reconstitui nele sua verdadeira imagem. Se Dostoiévski compreendeu em profundidade e extensão a natureza do niilismo russo, ele mesmo um anti-niilista, está mais perto de nós como nunca esteve. A reflexão de Dostoiévski considera este universo onde o homem é irreduzível, cada personagem apresenta um microcosmo que é em si anárquico, não-ordenado e assistemático. O homem carrega em si o princípio divino que só pode ser compreendido como enigma.

A consistência do pensamento religioso de Dostoiévski<sup>11</sup> se encontra exatamente neste enigma experimentado concretamente, onde a capacidade de pressentir e manifestar Deus (teofórico) se dá na realidade por meio de uma transformação concreta na forma de ser, conhecer e agir no mundo. Trata-se do resto cognitivo e noético desta experiência, presente na Ortodoxia Cristã, que possibilita à crítica dostoiévskiana enfrentar o relativismo, o niilismo racionalista<sup>12</sup> e o individualismo presentes no projeto humanista. A condição humana apartada de sua raiz divina, que estabelece uma relação de simetria do Homem com Deus, desdobram no niilismo compreendido como desfiguração plena do mundo, onde o ser humano descola da realidade na qual vive quando passa a acreditar que pode ser, ele mesmo, fonte da imagem criando forma para o mundo, como nos projetos revolucionários sociais ou científicos racionais. Nesta tentativa de fundação a partir da redução e abstração racional acabam por realizar o Nada.

Este poder de descrever, de voltar ao nada, é própria da dinâmica do niilismo, caracterizando os movimentos viscerais do ser humano em processo de autodestruição. Este conceito está enraizado na liberdade incriada, de onde brota nossa Imago Dei – aquilo que faz o Homem parecido com Deus – que não é passível às normas e habita a alma humana com o Nada. A negação desta liberdade incriada, divina e insuportável leva o homem a buscar frágeis determinismos conceituais, que garantam qualquer esperança de progresso sistêmico e este acaba por realizar a experiência da decomposição. Para Dostoiévski, o homem não é um ser de natureza, mas, de sobrenatureza, e somente a permanência na profundidade enigmática da existência pode levá-lo a superação de sua condição. Superação que considera a experiência moderna da liberdade humana compreendida como:

[...] uma liberdade em altíssimo grau irracional, insensata que arrasta o homem para além dos limites que lhe são assinados. Esta liberdade ilimitada o tortura, o leva a ruína. [...] As descobertas feitas por Dostoiévski neste “subsolo” do ser humano determinam o destino de Raskolnikov, de Stavroguin, de Ivã Karamazov, etc... Começam as dolorosas

peregrinações do homem pelos caminhos da liberdade arbitrária: conduzi-los-ão até os limites extremos do desdobramento.<sup>13</sup>

O romance *Os Demônios*<sup>14</sup> foi considerado a resposta de Dostoiévski ao assassinato do estudante Ivanov pelos membros da organização política clandestina Justiça Sumária do Povo, comandada por Nietcháiev. Ivanov foi executado porque resolvera afastar-se da organização por divergências políticas e seu assassinato serviu como prova de lealdade, estreitamento e união dos laços entre os membros da organização. O processo por crime político envolvendo os integrantes da célula de uma organização internacional, da qual a existência concreta nunca foi provada, recebeu ampla divulgação e debate pela imprensa russa. Dostoiévski centra sua atenção nos detalhes da organização e no perfil de seus integrantes, principalmente em Nietcháiev que será o protótipo do grande personagem niilista Piotr Vierkhoviénski. No evento com Nietcháiev o discurso do catequismo revolucionário onde, a criação de boatos favorecia a desestabilização das relações inviabilizando laços de cumplicidade e pertença, eram fundamentados no caráter de utilidade que uma pessoa poderia ter para a causa revolucionária. Assim o valor da pessoa surge do contexto, da emergência das necessidades da causa, nunca existem em si. E será este o pensamento ou cálculo que guiará o personagem Piotr ao longo do romance.

A questão destacada no romance é o desdobramento da relação de simetria estabelecida entre a geração de liberais e a geração niilista. No romance existem dois grandes demônios - Piotr Vierkhoviénski e Nikolai Stavróguin - e outros menores que são dissolvidos pelos maiores ao longo da história. Piotr é filho natural de Stiepan Vierkhoviénski que foi também preceptor encarregado da educação de Stravóguin. Se em *Irmãos Karamazov* encontramos o tema do parricídio, a morte da lei, em *Os Demônios* podemos ver a descrição de um infanticídio onde Stiepan mata seus filhos, não literalmente, mas inviabilizando neles a possibilidade de se constituírem como humanos. Stiepan faz parte da geração de liberais identificados com intelectuais e poetas que discursam bem as idéias revolucionárias e aí permanecem, na esfera das idéias, movidos por cálculos de interesse, porém sem nunca chegar a uma posição. Uma geração aparentemente flutuante, com hábitos e ideais importados da civilização europeia que não se reconhecem mais em solo russo. Assim desenraizados produzem um efeito real, o relativismo como mal colocado em prática, a ausência de critério válido na educação da geração posterior que rapidamente percebe a fraqueza moral

dos pais, a inabilidade com as questões concretas de sua época, e colocam a própria vontade como critério para suas ações.

Eis o que interessa mais que tudo a Dostoievski: o destino do homem que, possuindo a liberdade, se perde fatalmente no arbitrário. Só então se manifesta a profundidade da natureza humana. O segredo desta profundidade não se pode revelar no decurso de uma existência normal, bem estabelecida sobre um solo firme. Não, só no momento em que o homem se ergue contra a ordem objetivamente estabelecida do universo, se arranca da natureza, das suas raízes orgânicas e manifesta seu arbitrário, só então seu destino interessa a Dostoievski.<sup>15</sup>

A crítica dostoievskiana apreende em extensão neste romance um luto, uma ressaca em relação às utopias modernas. A razão como instância organizadora da nova ordem, libertada da solidez anterior, produz uma liberdade arbitrária num movimento errático absoluto. Percebe que, como efeito do conhecimento das mediações racionais organizadoras do mundo, a orientação humana é esvaziada de sentido e acaba por compreender a modernidade por seu fracasso e a existência como frustração. A atualidade de sua crítica pode ser acompanhada com a principal metáfora da era moderna apresentada por Bauman<sup>16</sup>: a fluidez e, conseqüentemente, a impermanência da construção social e o desenho do ser humano no ar. Fluidez como característica de líquidos e gases, que ao contrário dos sólidos, não suportam a tensão das forças tangenciais ou deformantes, sofrendo mudanças de forma constantemente. E a impermanência como a nova ordem líquida que substitui os sólidos derretidos no processo de emancipação da história. Isto diz respeito a realocação de poderes de dissolução da modernidade, do derretimento da ordem e das instituições existentes, para a substituição contínua por outros nichos da nova ordem. O sedimento deste processo se encontra na compreensão da liberdade dos agentes humanos que se vêem livres, porém condenados por esta liberdade, a constante adaptação num mundo agora sem padrões e referenciais resistentes ao fluxo do tempo. Mobilidade, leveza, inconsistência, facilidade e rapidez constituem a natureza da fase moderna. Na falta de referenciais o novo alvo pode ser identificado na dissolução dos elos que entrelaçam escolhas individuais e a inviabilidade de ações coletivas, onde a autoconstrução individual se torna endêmica e leva ao fim a própria vida do indivíduo, que escorre e não se sustenta, não tem forma por si e se torna escravo da especulação com o outro. É moldado por outros que são iguais a ele, água moldando água, em processo de não existir.

O personagem Stiepan apresenta característica do sujeito fluído típico da modernidade líquida, como não herda qualidades ele se inventa, desempenha um papel, está

próximo da ficção: escreveu livro ou poema que ninguém leu, considera-se perseguido, mas prefere ser reconhecido como deportado e acaba seduzido por si mesmo, acredita na sua própria invenção. Eleva o amor próprio num pedestal e vive centrado na busca de satisfação que obtém deste papel. Discursiva, chora, exalta a Rússia falando francês, apela aos excessos sentimentais para manutenção de seu discurso vazio, porque inventado, e acaba por ser dissolvido ao longo do romance por exaustão. Incapaz de estabelecer vínculos permanentes porque a idéia de estabilidade e permanência ofendem seu espírito livre, que vive em função de satisfazer seu frágil amor próprio, e acaba também solitário. Paralisado entre a necessidade de estabelecer relações que reforcem a imagem que criou dele mesmo e a desconfiança e repulsa em ver sua liberdade ameaçada, se torna inábil para as questões concretas da vida: nunca começa a escrita de seu novo livro, relativiza tudo de acordo com seus próprios critérios buscando somente sua auto manutenção – seu juízo acaba operando com baixo discernimento, tudo é tolerado.

O individualismo excessivo, o isolamento, a revolta contra a harmonia exterior do mundo são as primeiras manifestações do homem libertado. Desenvolve-se nele um amor próprio doentio que o faz descobrir regiões subjacentes de seu ser.<sup>17</sup>

Dostoiévski nos mostra um grande movimento em aceleração ao vazio, a razão desconstruindo a tradição não coloca nada em seu lugar e, qualquer tentativa de reconexão concreta com o mundo não tem o peso, nem a garantia de permanência.

Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa. Mais importante, a desagradável incerteza e a irritante confusão, supostamente escoraçadas pela velocidade, recusam-se a sair de cena.<sup>18</sup>

Assim abandonados aos próprios sentidos, e em alta velocidade, percebemos nos personagens que, as identidades passam a ser forjadas no interior de um amor próprio doentio, no desejo livre, compreendido por Dostoiévski como doença mortal. A racionalidade colocada a serviço do desejo só encontra razoabilidade no que é socialmente legitimado, na opinião pública que normatiza pela repetição, pela publicidade. A fragilidade obscena destes laços humanos realiza em *Os Demônios* os espaços escuros infinitos.

É a inconsistência e incongruência de Stiepan que Piotr, seu filho, percebe como a insignificância das palavras, como mentira, mas ao mesmo tempo como fundamentais e úteis para a revolução, pois aqueles que mantêm uma relação objetiva com a vida,

fora das tentativas absurdas idealizadas, são mais difíceis de serem atingidos. O endemoniado Piotr realiza o mal para fora, instalando a desconfiança, a manipulação e o caos. Dostoiévski faz aqui uma crítica séria que desenvolve em grande parte colocando a figura do pai como emblemático de sua geração liberal, como responsável pela construção da geração niilista, e indica ainda que o modelo da relação simétrica, relativista, não funciona.

O outro endemoniado é Nicolai Stavróguin, o mal nele tem dimensão interior, sua personalidade extraordinária se esgota dispersando-se. A obsessão revolucionária presente no romance está intimamente relacionada com seu destino, sua atividade interna, porque emprega forças desmedidas em busca de aspirações e sentidos que não encontra, não restando ao final nenhuma faculdade para realizar escolhas ou sacrifícios. Stavróguin aparece como um astro, um príncipe, e todos os personagens que tendem para ele participam de sua desagregação, são deformados. Sua educação foi inteiramente confiada a Stiepan desde menino: “[...] o pedagogo perturbou um pouco os nervos do pupilo”<sup>19</sup>. Com a intenção de ganhar a afeição e reconhecimento de Nicolai, Stiepan realiza uma inversão perversa, diminui a distância e torna-se ele mesmo uma criança que chora e desabafa suas próprias misérias nos ombros do menino. Nicolai é profundamente afetado. Tem atitudes selvagens, sórdidas, insolentes agindo sem saber exatamente o que procura e em todas suas investidas se percebe esvaziado de sentido.

Stavróguin faz parte da organização que Piotr lidera sob pretexto de disparar a revolução naquela província e serve preciosamente aos intentos da causa pelo mérito de não deixar uma única idéia própria na cabeça de ninguém – leva aos outros à percepção da dissolução e inconsistência de seus próprios processos racionais.

Na organização, o único homem do grupo que procura agir de acordo com as próprias convicções é Chátov, que deverá ser morto sob o pretexto de que possa vir a denunciá-los. Sua morte deve contribuir ainda para consolidar o pacto sinistro com sangue. Os demais integrantes são infelizes, invejosos e fracassados que mantêm o ódio como afeto mobilizador. São fragmentos dissociados em permanente transitoriedade, perpetuamente subdefinidos no fluxo da existência. Piotr reúne pessoas não sabem o que fazem por não terem nenhuma certeza, e que mentem o tempo todo. E esta à frente delas porque percebe que a chave de toda manipulação e mobilização caótica é o niilismo. Ele não está preocupado em construir um novo estado, sabe que isso não é possível. Sabe ainda que estamos sempre desconstruindo

e no final descobriremos o nada. Se todos os critérios são relativos - seguem uma lógica da racionalidade a serviço do desejo em busca de auto-manutenção - conforme lhe foi ensinado, porque não aplicar a mesma lógica ao pai e à outros seres humanos? Na continuidade do movimento relativista veremos a entrada do homem no niilismo epistemológico, afetivo, político, onde a busca de uma saída rápida que alivie a dor deste abismo é característica do moderno. Em contrapartida, a pedagogia de Dostoiévski afirma que não é possível conhecer a solução sem atravessar a dor inteira. Assim, o projeto moderno que busca fundar uma virtude sem Deus, numa relação de simetria com Ele, na construção de uma redenção humana, para Dostoiévski termina em *Os Demônios*. Todavia:

[...] o mal não é o oposto do ser, é uma espécie de ácido, que decompõe, desfaz: a capacidade de produzir o mal é produzir o nada, portanto ele é produtivo. E é função da nossa vontade, como seres caídos, a capacidade de produção do nada, porque é a nossa vontade de ser feliz que o cria. Essa é uma das intuições centrais e mais difíceis de Dostoiévski – porque nós, modernos, somos a infantaria da felicidade. A idéia de que a busca da felicidade humana, no plano da natureza, implica no niilismo, é porque a busca da felicidade humana é o motor do nada, é mal. Só deixa de produzir o nada quando é atravessada pelo sobrenatural – pela graça. E qual é a marca disso? São aqueles indivíduos capazes de pensar no outro, de estar totalmente voltados para o outro, nunca para si mesmos. Descentrados afetivamente, atravessados pelo páthos divino.<sup>20</sup>

A idéia de liberdade identificada por Dostoiévski é que fora de Deus não há verdadeira liberdade e esta está implicada com o mistério, com a Beleza. Quando o homem abdica de Deus abdica também da verdadeira liberdade, da possibilidade de amar livremente para além do amor próprio.

A Beleza salvará o mundo é justificada pelo poder que flui do Cristo, e assim, Dostoiévski alcançou o sentido completo de uma visão iconográfica do mundo. Ele experimentou a insuportável dificuldade de tentar descrever como a criação se relaciona com o criador no seio da experiência da Glória. E na tradição do niilismo russo apresentado em *Os Demônios* esculpiu um verdadeiro tratado literaricônico da desfiguração do mundo como a dor de Cristo na Paixão. Sendo por excelência a figura que organiza o universo, quando Cristo sente dor, o efeito do despedaçamento na cruz é vivido em *Os Demônios* como experiência social. Na revelação da luz desta imagem penetramos no sentido dos eventos que tomam lugar neste estágio do mundo.

<sup>1</sup> Jacqueline SAKAMOTO apud Eulálio FIGUEIRA, Paulo Mendes PINTO. *Os Evangelhos 2007: reflexões além das religiões*, pp. 128-129.

<sup>2</sup> Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Irmãos Karamazov*, p. 122.

<sup>3</sup> Paul EVDOKIMOV. *The Art of the Icon: a theology of beauty*, p. 39.



---

<sup>4</sup> Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Irmãos Karamazov*, p. 123.

<sup>5</sup> Ibid, p. 123.

<sup>6</sup> Ibid, p. 328.

<sup>7</sup> De acordo com as traduções o nome deste autor sofre modificações. Neste texto optamos em citá-lo da maneira como é apresentado nas obras trabalhadas.

<sup>8</sup> Cf. Nikolai BERDYAEV. *The Russian Idea*, pp. 9-50.

<sup>9</sup> Liberdade qualificada pela presença de Deus.

<sup>10</sup> Cf. Nicolai BERDIAEFF. *O Espírito de Dostoiévski*.

<sup>11</sup> Luiz Felipe PONDÉ. *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*.

<sup>12</sup> Nihilismo racionalista como sofisticação do discurso racional que recusa a noção do homem como enigma e coloca no lugar do problema de sentido, modos diferentes de sustentação lingüística da própria existência.

<sup>13</sup> Nicolai BERDIAEFF. *O Espírito de Dostoiévski*, p. 54.

<sup>14</sup> Cf. Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Demônios*.

<sup>15</sup> Nicolai BERDIAEFF. *O Espírito de Dostoiévski*, pp. 48-49.

<sup>16</sup> Cf. Zigmunt BAUMAN. *Modernidade Líquida*.

<sup>17</sup> Nicolai BERDIAEFF. *O Espírito de Dostoiévski*, p. 53.

<sup>18</sup> Zigmunt BAUMAN. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, p. 13.

<sup>19</sup> Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Demônios*, p. 49.

<sup>20</sup> Luiz Felipe PONDÉ. *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*, p. 199.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

BERDIAEFF, Nicolai. *O Espírito de Dostoiévski*. Trad. Otto Schneider. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, [194-?].

BERDYAEV, Nikolai. *The Russian Idea*. New York: Lindisfarne Press, 1992.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Mikháilovitch. *Os Demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch. *Irmãos Karamázov*. Trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

EVDOKIMOV, Paul. *The Art of the Icon: a theology of beauty*. Califórnia: Oakwood Publications, 1990.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.

SAKAMOTO, Jacqueline. A Beleza Redentora de Lucas em Dostoiévski. In: FIGUEIRA, Eulálio A. P., PINTO, Paulo Mendes. *Os Evangelhos 2007: Reflexões além das religiões*. São Paulo: EDUC, 2007.